



Foto: Daniel Choma.

Entrevista com

Hadelina Helena Vieira

FICHA TÉCNICA

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Ribeirão da Ilha, Florianópolis - SC.

Data: 24 de novembro de 2017.

Participantes: Tati Costa (entrevista e captação de som); Daniel Choma (entrevista e câmera).

Projeto de origem: Ribeirão Foto Sensível.

Parcerias do projeto Ribeirão Foto Sensível: Ecomuseu do Ribeirão da Ilha; Sociedade Musical e Recreativa Lapa; Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha; Grupo de Idosos do Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha; Escola Estadual EEB Dom Jaime de Barros Câmara; Paróquia Nossa Senhora da Lapa (Matriz da Freguesia do Ribeirão da Ilha); Casa da Memória – Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes; Setor de Coleções Especiais – Biblioteca Universitária – Campus Florianópolis – UFSC; Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral - UFSC; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Superintendência em Santa Catarina; Fundação Catarinense de Cultura; Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte - Governo do Estado de Santa Catarina; Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural; Ministério da Cultura - Governo Federal.

Produção do projeto Ribeirão Foto Sensível (2017) e acervo: Câmara Clara – Instituto de Memória e Imagem.

Transcrição da entrevista para projeto Memória Rendeira (2021); Tati Costa. | Edição: Daniel Choma.

MEMÓRIA RENDEIRA

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.

Projeto:



Apoio:



Realização:



ENTREVISTA COM HADELINA HELENA VIEIRA

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/hadelina/>

DANIEL - A senhora nasceu em que lugar?

HADELINA - Aqui mesmo... Logo depois do ponto do ônibus, logo adiante um pouquinho, pertinho, numa casinha na praia muito velhinha. De certo era feita pelos escravos, porque o quartinho tinha as pedras todas por dentro da parede... *[Corte]*

HADELINA - Bem pra lá é onde eu nasci, numa casinha na praia, era só um quartinho, uma salinha e uma cozinhezinha de chão, que um senhor tinha feito. Ele ganhou um bocado de telha que estava lá e fez aquele pedacinho pra cozinha da gente, porque senão não tinha. Ali tinha a cozinha e o quartinho, como estou dizendo pra vocês, por dentro, tinha os bicos de pedra - de certo foi feito pelos escravos - e o lado de fora era liso, imagina: em vez de fazer o lado de dentro liso e o lado de fora podia ficar com as pedrinhas, eles fizeram pro lado de dentro as pedras, tudo aparecendo ali. Se a gente se acordasse de noite e não fosse bem esperta era capaz de bater com a cabeça na pedra! Mas ali na sala dormia a minha avó, minha mãe, cada um deitava na sua esteirinha e a gente dormia ali. Minha filha outro dia perguntou: "Mãe, muito tempo a senhora dormia na esteira?" Eu disse: "Olha, eu casei e fiquei morando na esteira por muito tempo." Ela: "Credo mãe!" Eu disse: "Por que? Credo por que?" Porque não tinha cama, era difícil pra comprar e depois, a primeira que tive foi um carpinteiro que fez uma cama. Depois de muitos anos, lá embaixo, quando fui morar na Prainha, no morro, é que tive então uma caminha comprada na loja. Mas por muito tempo a gente dormia na esteira. Ela disse: "Mãe, quanto tempo?" Eu disse: "Ah minha filha, mas tinha que ser assim, importante era ter onde dormir." Era a esteira, o travesseiro, a marcela a gente arrumava no morro, tirava aquela marcela, deixava em casa no pôr do sol, vinha aquelas florzinhas, vinha alguma fechadinha e no sol elas abriam tudo. A gente enchia os travesseiros com aquilo ali, mas eram travesseiros tão cheirosos. Naquele tempo era tudo assim. Mas lá embaixo dizem que vende a tal de marcela, tiram e vendem até para remédio. E a gente tinha travesseiro com aquilo. Botava uma fronzinha, fazia um saquinho, botava aquilo tudo ali, já era o travesseiro. Por fora uma fronzinha amarrada com quatro tirinhas. Eu que fiz meu enxoval todo assim, costurando na mão, fazendo as coisinhas assim. Isso levei quando eu fugi, foi a hora melhor da minha vida, porque eu sabia que ia casar. Era um casamento bonito, eu podia ir, fui pra praia com a roupinha que eu estava, mas eu podia naquele dia estar de véu, de grinalda e de vestido branco longo e com buque pra dar na hora do casamento. Eu podia casar assim mas eu não pude, pela questão de ser muito pobre eu fui assim, mas pra mim ali era a hora do meu casamento. Eu tinha dezesseis anos e o meu velho tinha dezenove. Esse momento, pra mim, foi o melhor momento da minha vida. Eu penso isso. Aqui, sozinha, sempre estou só, mais Deus, mas estou só. Estou lembrando disso, de que aquela hora eu ia ter um homem na minha casa. Porque a gente viver três mulheres dentro de uma casa, a minha avó velhinha. Minha mãe era uma pessoa muito boa, ela não se incomodava com nada não. Sem uma pessoa dentro de casa pra gente pedir pra arrumar uma coisinha, mas não se tinha, era só aquelas três mulheres. Quando eu arrumei um moço, que eu vi que ia casar, o dia que fugi era um dia maravilhoso. O dia mais maravilhoso da minha vida foi o dia que eu fugi. Depois, quando ganhei minha filha mais velha, que hoje tem 75 anos, aí a gente casou no civil. E depois de muito tempo casei no padre, porque a gente não tinha dinheiro pra casar, tinha que esperar. E veio de fora, não sei de onde foi o lugar, uma porção de padres, eles vieram fazer aqui no Ribeirão as missões, escolheram aqui o lugar, a gente não sabe por quê. Foi aqui na igreja, na Batista. O casamento era de graça e a gente ia muito cedo, de madrugada, o pessoal passando, não tinha luz naquele tempo e a gente via dentro dos cafezeiros - tinha muito cafezeiro, muita laranjeira, muita árvore- aqueles vagalumes.

Acendiam aquela luz bonita, parecia que era a luz que clareava o caminho pra gente passar. E a gente ia passando por ali, dizia: "Nós vamos ligeiro porque vem bastante gente aí e na frente já vai gente." A gente ia ligeiro de onde morava, aqui em cima, para ir lá pra freguesia fazer o casamento dos padres que era de graça. Isso tudo são coisas que a gente passou na vida, hoje a gente lembra. E do dia que eu fugi então, eu não esqueço. Porque eu sabia que ia casar, estava saindo dali casada para a praia. Não era muito longe que a gente ia. Na viagem ele disse assim pra mim: "- Hadelina, eu não trouxe dinheiro. Porque eu tinha dois mil-réis no bolso e a minha mãe não tinha nada em casa, estava precisando, eu dei pra ela." Eu disse: "- Tu fizeste bem em dar porque eu já acabei a chácara de café com minha tia e eu recebi dinheiro, tenho dinheiro pra nós. Já comprei alguma coisa que a gente precisava e ainda tenho dinheiro pra comprar mais, falei pra ele." Aí nós seguimos. Daqui a pouco chegamos lá na casa da minha tia, ela tinha um pedacinho da cozinha que não tinha assoalho, era chão, ela estava ali fazendo fogo porque o marido dela estava pescando. Ele ia trazer peixe e ela ia assar peixe com escama. Eu ia comer mais ele e ela, era a festa do casamento! *[Sorri]* "- Quando meu marido vier, vou assar peixe com escama pra nós comer", disse. Aí ele ficou sentado numa banquinha esquentando um pouco de fogo, o meu velho. Eu fiquei ali já arrumando alguma coisa que tinha de arrumar. Quando ele chegou ela foi pegar o peixe que queria assar e ela assou aquele peixe ali com escama, cocoroca, uma porção de peixe e a gente depois foi comer. E depois de muito tempo que a gente foi dormir. Como foi bom, eu lembro tanto daquele dia, daquele peixe, daquele fogo no chão. Era um pedaço grande, como daqui ali *[indica o tamanho]*. Era tudo de chão, ali fez o foguinho, ali ela assou aquele peixe todo. E pra lá tinha o assoalhinho, era uma casinha de pau a pique, feita de bambu. Você conhece como é? É bambu, botam aqueles paus, depois amarra, o bambu é aberto no meio e eles amarram com cipó aquilo ali e depois pegam o barro, um joga do lado de dentro, outro do lado de fora, ali faz a parede e dura anos e anos, aquela parede é assim. *[Corte]*

HADELINA - Queria contar pra vocês da história... Você vê que a pobreza era tão grande lá na minha casa. Não é dizer que passava... Passar fome é uma coisa e necessidade, pra mim, é outra. Necessidade é, por exemplo, eu tenho uma coisa, não tenho a outra. Então não é dizer que passava fome, porque na praia tinha tanta ostra, a gente assava e comia pura... O problema era a farinha, o difícil era farinha naquele tempo. Eu ia na casa dessa senhora buscar um pauzinho de fogo. Tu vê? Isso é necessidade, não ter um fósforo para acender o fogo é necessidade. Ia para ela: "- A senhora não me dava um pauzinho de fogo?" Ela: "- Minha filha, a lenha é de espinho, como vou te dar? Não vai pegar." Aí ela assoprava, dizia: "- Olha, vou botar um papel em cima do pauzinho de fogo e tu vai assoprando." Como a casa era perto, ela botava aquele papel, eu ia assoprando pro fogo não apagar, porque a lenha de espinho é fraca, não acende direito como a lenha de laranjeira, a lenha de rabo de macaco, tudo isso são lenhas boas, mas a de espinho não. Ela não pega fogo direito, está sempre meio apagada. Aí eu ia, chegava lá minha mãe botava um molhinho de graveto em cima daquele papel com aquele pau de fogo de lenha de espinho e acendia o fogo. Tu vê que isso é passar necessidade. Então quando eu arrumei um casamento, achei que minha vida ia ser boa daquele dia em diante. E foi. A princípio muito sacrifício, depois foi melhorando. Porque pra Deus nada é impossível e o dia de amanhã a Deus pertence, foi o que aconteceu comigo. Hoje eu já posso ajudar meu neto, ele está estudando, eu boto gasolina no carrinho dele pra ele ir pra Coqueiros. Ele faz estágio lá na faculdade, na Trindade e faz estágio também lá na Costeira. Aquele estágio obrigatório agora não está fazendo mais, acabou, mas esse estágio que é pra ele ganhar

um dinheirinho ainda está fazendo. Hoje eu tenho pra ajudar um pouquinho. Então acho assim: pra Deus nada é impossível e o dia de amanhã a Deus pertence. Tenho muita fé e acho que a vida é assim. Eu tinha esquecido, queria contar do pauzinho de fogo. É necessidade a gente não ter um fósforo. Agora, um dia desses faltou luz, a filha estava aqui, foi quinta-feira passada, ontem fez oito dias. Ela procurou fosforo, tinha dentro da cestinha - aqueles lacinhos que boto ali, vermelhos, é do meu pão bento que vem da igreja, como o pão e boto o lacinho ali. Aí ela pegou, achou uma caixa daquelas grandes e já acendeu. Como a gente hoje é melhor! O povo reclama muito, é verdade, que hoje tem muita falta de serviço, mas todo mundo tem celular, todo mundo sabe das notícias que andam por aí e tudo mais, não é tão ruim como antigamente. Pedir um pauzinho de fogo pra acender o fogo, isso era difícil!

DANIEL - E por que tinha que fugir pra casar?

HADELINA – Porque na época era aquilo, era a coqueluche do momento, vamos assim dizer! *[Risos]* Fugia, depois a gente casava. Mas não era como agora, sai aqui, namora ali, namora por dois ou três anos, fica por lá, vai lá, como vocês sabem o que quero dizer! *[Risos]* Então era casamento bonito, a gente era pura pra casar. Assim que era. Então era fugir. Não se demorava muito. Também a gente pouco pegava na mão um do outro. O beijar era muito difícil. Então a gente ali era um casamento bonito sim. Embora fosse tudo simples, mas Deus também está na simplicidade de cada um, podes acreditar... Então acho que Deus está na simplicidade de qualquer pessoa e é bom agente ser simples, porque com bobagem a gente não ganha nada. Que bom...

DANIEL - Vocês andaram pela praia?

HADELINA - Dali, pra lá um pouco do ponto de ônibus até aqui... Subindo o morrinho pra chegar no ponto do ônibus aqui, uma casa que tem pra baixo, foi até ali que a gente andou, aquele pedacinho só. Era perto e a praia era linda, era larga, não era como hoje porque ninguém fazia casa na praia, então a praia era grande. Hoje é porque eles roubam muito a praia de um lugar e ela se estende no outro. Por isso está isso lá nos Ingleses, em Canasvieiras, como eu vi ontem, minha neta está lecionando lá. Olha, aquele pedaço daquela barreira caído no mar. Então a gente vê que é porque eles avançam no mar fazendo casa, aterrando e se estende no outro. Naquele tempo não, a praia era linda, a gente ia por ali, aquilo parecia uma coisa maravilhosa, a gente andando naquela praia, com aquela roupa simples, indo lá pra casa onde nós íamos morar. Quando nós saímos, minha avó disse: “- Tu não vai lá encrencar com tua tia porque você não tem onde morar.” “- Não, a Dadá é muito boa pra mim, ela me ensinou a fazer renda, muitos dias ela me chama, me da comida, eu não vou brigar com Dadá não, pode deixar.” Porque da minha mãe eu já tinha dito que ia sair, mas pra ela não tinha dito e dormia perto uma da outra, cada uma na sua esteirinha ali na sala. Ela não ia me ver ali, ia dizer: “- Onde está a neta?” Por isso que avisei pra ela que eu ia sair, ia pra casa da minha tia. Aí ela já ficou sabendo. Porque quando a gente foge ninguém sabe, mas eu disse pra minha mãe antes e tinha dito pra ela. Elas ficaram contentes com aquilo, muito contentes. Depois minha mãe foi embora lá pra Curitiba, com os outros dois irmãos. Lá ela ficou doente, ficou magrinha, mas ela devia ter ficado comigo que era mulher. Lá era com noras e nora não é como filha, não é tanto. Às vezes tem noras boas, mas nem sempre. Então ela depois chegou muito doente. Meu velho disse: “- Hadelina, se eu fosse tu, levava ela no Departamento” Naquele tempo não tinha posto, era o Departamento de saúde onde a gente corria . Aí levei lá porque ela tinha muita

tosse, muito magrinha, fraquinha, mas deu tudo bom os exames, a gente ficou contente. Ela ficou comigo até o dia de ir embora, partir pra outra vida, ela ficou comigo.

TATI - Sua mãe era nascida aqui no Ribeirão também?

HADELINA – Também. Meu avô, minha avó e minha mãe, meus outros dois tios, eram duas mulheres e dois homens, tudo daqui do Ribeirão.

DANIEL – Como foi sua infância aqui no Ribeirão?

HADELINA – A infância foi assim, fazendo uma rendinha e passando isso, aquela necessidade. Não era fome, era necessidade. Como já falei ontem pra vocês, alguma coisa esqueci, mas muitas não. Eu ia três meses na aula, nesses três meses quase não aprendi nada, mas eu fui porque elas tinham feito a matrícula e nunca fui à aula. Mas eu nunca fui porque de manhã era sempre aquela coisa, eu nunca tinha café pra tomar. Tinha, mas não tinha uma coisa pra tomar café. Ela dizia: “Censa, tu queres?” Ela também me chamava de Censa, às vezes Hadelina, às vezes Censa, porque todo mundo chamava Censa. Ela disse: “- Tu queres que esquente um cafezinho?” “- Quero mãe. Tem alguma coisa?” “- Não” “Nem um biscoito?” Quase não havia pão, tinha mais era biscoito, bolacha. Ela disse: “- Não, Censa, não tem, é café puro.” “- Ah não mãe, com café puro não vou pra escola, porque posso dar tontura lá, as outras colegas vão fazer lanche, eu não faço nada, fico ali. Tomando café puro pra sair de casa. Não, mãe, eu não vou.” Mas um dia a professora viu meu nome no livro da matrícula e ela perguntou quem conhecia Hadelina Helena Aguiar - eu era Aguiar, depois que passei a ser Vieira, depois de casar. Disseram assim: “- Sei quem é: a Censa.” “- Diz pra ela vir aqui que quero falar com ela.” E no outro dia eu fui lá, quando ela abriu a porta da escola, era uma sala grande, ali na Freguesia, onde vocês já passaram. Bem pra cá da casa da Lidinha, era alugada, dava aula ali, dona Jupira Rosa, o nome dela. Quando ela me viu ali, abriu a porta, mandou que eu entrasse, entrei. Ela perguntou tudo pra mim, por que eu não ia à escola. Eles tinham me matriculado há muito tempo mas eu não tinha comparecimento. Aí falei pra ela por quê. Ela disse: “- Então faz assim, tu vens todo dia, desce aí pra praia, vai pro lado de cá da escola e lá tu chamas minha mãe, dona Almerinda. Tu chamas ela, entra no portãozinho, bate na porta e chama por ela. Ela vai mandar tu entrar e vai te dar café e pão.” Aí eu ia, tomava o café com pão. O marido dela tinha o Empório Rosa, que fica lá na rua João Pinto. Ali ele tinha de tudo, coisa boa. Tinha um pão grande que me lembro, ela me dava pedaço daquele pão. Eu comia aquele pão, ficava até o meio dia cheia. Aí eu ia pra escola. Tão bom a escola. Tinha a lousinha com um paninho ali já amarado pra limpar, tinha o lápis, era de pedra, escrevia ali na lousa. E não era o primeiro ano, era uma cartilha antes do primeiro ano, tinha a cartilha pra depois ter o primeiro ano - hoje já entra no primeiro ano -, ali tinha o boizinho, tinha a faca, o nó, o queijo, uma porção de coisa tinha naquele livro. Mas ali eu li só um pedacinho, a metade daquele livro só. Ela foi transferida pra base aérea, aí acabou a minha escola. Três meses já me formei, já fiz o mestrado como se fizesse, três meses, fiz o doutorado. *[Risos]* Nesses três meses resumi tudo. Tudo isso que tu fez eu fiz! Minha filha, mas a necessidade obrigou e a gente tinha que se conformar com aquilo. Aí minha mãe disse: “- Censa, mas tu fostes sair?” Minha avó ficou com pena. Eu disse: “- Pois é, mas eu não podia ficar lá na escola com fome. Aqui vou, tiro ostra, asso na praia, não tem farinha, não faz mal, como ostra pura, mas estou comendo alguma coisa. E sentada lá só com cafezinho puro que a senhora esquentasse de manhã. Não mãe, não dava, de jeito nenhum.” Não dava de ser

assim, minha filha. Então a gente tinha que dançar conforme a música. É assim que a gente usa: dançar conforme a música.

TATI - E tinha brincadeira de criança?

HADELINA – Não, filha, não tinha não, a brincadeira era lá na praia, com conchinha, tinha muita conchinha, flor de guaxuma tinha muita e a gente enfeitava, fazia aqueles montinhos de areia, enfeitava tudo aquilo com aquela flor de guaxuma, muito bonito. Tinha umas amarelas e o amarelo é mais do signo de Leão, a gente sabe. *[Sorri]* Eu enfeitava aquilo tudo e ali fazia, com três pedras, botava uma tampa de lata ali em cima - tinha um senhor que era latoeiro ali por perto - eu juntava aquelas tampas de lata pra assar ostra. Então ali sempre eu comia alguma coisa e parada lá na escola não ia comer nada, podia ficar tonta. Hoje eu tenho pena. Depois de muito tempo, a filha não foi igual a mim, mas eu tirei ela, já tinha feito o quarto ano, ela ia pro quinto ano. Eu tirei ela da escola lá no morro onde eu morava pra ela trabalhar, pra ajudar o pai porque eu estava vendo que o dinheirinho dele não estava dando. Ele recebia por quinzena aquele dinheirinho, recebia no final do mês mais aquela metadinha e era muito pouco. Ela disse: “- Mãe, vou sair da escola pra trabalhar?” Eu disse: “- É filha, mas não faz mal, você sabe ler bem.” Ela escreve tão bem, igual as outras que tiraram segundo grau. Ela disse: “- Ah mãe, mas eu tenho pena.” Ela trabalhou mais três anos porque ela tinha serviço, mas quando ela casou era tudo diferente de hoje. Ela casou, não tinha serviço na época. Depois, mesmo casada, foi trabalhar para ajudar porque o marido também ganhava pouco. A gente passou por isso tudo. Olha, foi difícil minha filha, pra gente ver o que a gente passou naquela época. Minha avó velhinha, ela ia pro centro e naquela época - é até bom vocês saberem disso-, eles iam daqui levar galinha, banana, tudo quanto era fruta pra vender no mercado. Minha avó arrumava lá pãozinho velho, ia botando no saquinho e um pouquinho de açúcar branco, se ela ganhasse de alguém, ela não podia pedir. Lá do albergue noturno ela tinha essa carteirinha que ela ganhava quatro mil-réis por mês, ela recebia dois no dia quinze e dois no dia trinta - parecido com o serviço do meu velho quando ele começou na polícia. Às vezes ela tinha recebido já o dinheirinho, os dois mil, ela mandava um mil-réis pra gente, a gente até custa a dizer porque hoje está acostumado com o real! E mandava um saquinho com uma porção de pão. Às vezes um bocadinho de açúcar branco que ela ganhava lá. “- Que coisa, mãe, isso é açúcar?”, a gente ficava tão admirado porque via aquele açúcar branco. A gente tomava mais café, se tivesse, com melado, porque era duzentos réis a garrafa. E com aquilo ali a gente tomava café. Uma garrafa de melado dava pra uma porção de tempo, a gente botava um pouquinho ali, botava o café dentro e adoçava como se fosse o açúcar, porque o açúcar era mais caro. Tu vêes que sacrifício pra chegar até os dezesseis anos! Pra depois: vou me embora! *[Sorri]* Sozinha. E fui, filha, porque assim era a vida. Ele também [o marido] era uma pessoa muito pobre. Eles nem tinham casinha pra morar. Nós ainda tinha, ruinzinha mas tinha, mas eles nem tinham. Eles moravam num pedacinho, quadradinho como essa cozinhezinha minha aqui. Vendiam querosene ali, querosene era vendido assim, tinha o dia de vender. A gente ia lá comprar, porque não tinha luz aqui também, depois outro tempo que foi ter. Aí eles tinham só aquele pedacinho que deram pra eles morar, porque eles não tinham a casinha. Então tu vêes que a pobreza estava de um lado e de outro, mas a gente viveu. É filha, a quem Deus promete não falta. E a gente deu aquele jeito e foi indo, depois ele foi pra polícia, a princípio foi difícil, mas depois foi melhorando. Aí não lembro agora de mais nada pra te dizer...

DANIEL - E o que mais era a comida na tua infância?

HADELINA - Era um caldinho de peixe, se tivesse farinha - porque feijão era difícil -, então o que mais a gente comia era caldo de peixe. Botava o peixe ali dentro, botava um temperinho, porque alfavaca, às vezes, a gente tinha. Se não tinha cebola de cabeça, mas arrumava com o vizinho uma cebolinha verde. Botava ali e cozinhava aquele peixe, aí tinha farinha para fazer o pirão. Porque o caso era ter farinha. O difícil era farinha, naquele tempo pra gente, porque tinha siri, tinha muita ostra, tinha berbigão, se quisesse tirar era perto. Então era fácil, a farinha era difícil. Pra tudo tinha que ter a farinha. Se à noite a gente fosse comer era um pedacinho de peixe assado, às vezes minha mãe assava, quando não era caldo ela assava um peixinho, desde que tivesse farinha. Aí aquele pedacinho de peixe a gente comia à noite com café e farinha. Era sempre a farinha estar no meio, a farinha que era o principal..

TATI - E a farinha era feita aqui no Ribeirão mesmo?

HADELINA - Também tinha muito engenho aqui. Perto do ponto do ônibus, uma casa comprida que você vê no lado de baixo, ali era o engenho de farinha e de açúcar, bem pertinho. E lá, mais em cima um pouquinho, depois do restaurante que tem aqui, era também engenho ali, mas era mais caro. Mais lá em cima, adiante um pouquinho, tinha outro. Hoje não tem mais, filha. Até dizem assim: rosca de polvilho. Mas o polvilho é da mandioca, eu não vejo ninguém por aqui fazendo farinha, só vem de longe esse polvilho, quando chega aqui chega muito caro!

[Corte]

TATI - Como a senhora conheceu seu marido?

HADELINA - Quando eu ia... Porque antigamente era baile de branco e baile de preto, separado. De ir ver os bailes lá em baixo, quando eu era mais mocinha. Depois acostumei a ir e lá conheci, ele morava lá embaixo, pra lá um pouco da casa dessa moça que vocês viram, a esposa do seu Alécio, pra baixo da igreja um pouco. Ele morava naquela casinha, como eu disse pra você, aonde eles vendiam querosene. *[Olhando foto da Banda da Lapa]* Mas não achei ele aqui não, que pena. Essa aqui é uma foto mais antiga, não é? Dá pra ver, até pelo jeito das fotos. Dá pra ver que é foto mais antiga. Eu achei que ele estava nessa aqui. Quem sabe como ele agora já estava mais velho, está difícil...

[Corte]

DANIEL - Seu marido trabalhava?

HADELINA - Era músico.

DANIEL - Era músico da banda?

HADELINA - É, ele era músico da banda. Ele estava sempre no Pântano do Sul tocando. A Festa do Pinhão, em Lages, eles iam pra lá, o governo aqui mandava, o comandante.

TATI - Procissão do Senhor Jesus dos Passos também?

HADELINA - Também. Tocaram muito, saiam daqui pra tocar lá. Com a banda de música da polícia também tocavam na festa do Senhor Jesus dos Passos.

TATI - A senhora tem lembrança de ver a banda tocar quando a senhora era criança?

HADELINA – Vi muitas vezes. A gente ia sempre pras festas ali. A gente ia de manhã, almoçava lá, pagava pra almoçar. Eles tinham comida de graça, nós não, a gente pagava. E quando ia pro Pântano do Sul - essa fotos foram tiradas lá. Ele dizia: “- Hadelina, aqui vai ter o churrasco da banda, tu vai lá pro Arantes.” Porque umas que tinha por lá, que o marido era da banda, ficavam esperando pra comer junto com os músicos... Ele: “- Pois é, porque ficam aí esperando. Não, aqui é só pra nós.” Eu dizia: “- Eu sei que é. Nós vamos pra lá.” Eu ia com a Neusa, o marido dela também tocava, ia com a outra filha mais velha, comer lá no Arantes. Era tão bom, a gente comia o peixe à vontade. Agora acho que ele já faleceu e não sei se o restaurante ainda continua, acho que continua... Ele já se foi e a esposa dele era bem nova, de certo ela é viva. Mas ele era uma pessoa boa, tinha um barril lá de cachaça, a turma toda ia lá porque o barril era pra beber um bocadinho. *[Sorri]*. Não vi aqui, essa [foto] é mais velha, a gente vê. Até pela roupa das fotos a gente vê diferença, aqui estão com o uniforme novo que eles tinham, aqui não era roupa comum de casa, dá pra ver, é o uniforme que eles tinham. Tem uns aqui atrás, ele está ali atrás de certo, aparece o trombone. É meu filho, é a vida.

DANIEL – Depois das festas aqui do Ribeirão tinha o baile?

HADELINA - Tinha o baile de branco que era aqui, logo que descia a igreja - uma casa bonita que tinha-, ali era o clube. Depois foi vendida, acabou os bailes, não teve mais. E o nosso era mais adiante, perto da casa do padre. Baile de preto era lá. E pra lá os brancos iam tudo ver o baile, parece que com vontade de dançar junto com a gente. Porque tinha alguma mulatinha bonita também! Eles iam pra lá ver. E lá também a gente namorava com eles. Depois que eu arrumei o meu, não queria mais nada! *[Sorri]* Mas tinha, sabe? Era animado, mas era só pros pretos. E pros brancos, pro lado de cá. Mas a gente não podia ir pra lá também dançar, e mesmo gente não ia - Deus o livre, se eu ia pra lá-, eu ia lá pro meu baile de preto. Acabava a missa, à noite, diziam que era novena, mas era missa que havia à noite também. A gente ia pra lá dançar até a hora que acabasse. E estava assim de moços brancos também rodando por ali. De certo eles queriam namorar com as mulatas! A gente fazia isso sim. *[Volta a comentar a fotografia]* Olha, aqui a gente vê, eles estão com uniforme da banda mesmo.

TATI – E um baile era mais animado que o outro?

HADELINA - O de preto era mais animado. Não sei porque, mas era. Digo isso, não porque também sou preta, a minha família era tudo branca, saí preta por causa do meu pai, mas era mais animado. Por isso que estava cheio de branco lá em roda, vendo até com vontade de querer entrar pra dançar, mas não podia, porque o meu genro foi entrar pra dançar com a minha filha - com essa que eu disse que tirei da escola para ela trabalhar para ajudar o pai...

[Corte]

DANIEL - O que acontecia se um branco tentasse entrar no clube dos pretos?

HADELINA - Não podia, eu ia contar agora. Então ele foi um dia, porque ele namorava com minha filha, era vizinho, e ele foi... Ela queria dançar, mas disse: “- Não vou dançar, porque o Cesar não está dançando.” Ele começou, foram lá e tiraram ele. Ele ficou com uma raiva

tamanha do pessoal. Ele era muito bom, aparecia alguém da Freguesia, que às vezes tinham pouco dinheiro, iam comprar um remédio, ele era subgerente da farmácia Catarinense, ele dava o remédio, não cobrava dinheiro. Então ele achou que ali era tudo amigo. Iam pra casa da Desalda, ali ela botava esteira, todo mundo dormia ali - Desalda é a mãe da Claudete, elas moravam numa casinha mais pra cá. Daí eles foram lá e disseram: “- Tu sai que tu não podes dançar aqui, tu sabes que não pode.” Assim com um pouco de malcriação com ele. Ele saiu, Adélia também se sentou, não quis mais dançar. Ela não dançou com ele mas também não dançou com mais ninguém. Engraçado, eles podiam ter deixado ele dançar porque ele estava junto com a gente e era namorado dela. Ela também era bem clara como tu és, bem branca. Ela saiu mais à família da minha mãe que era branca. Tiraram ele, minha filha, era assim. Agora, o preto não vinha pra cá dançar porque sabia que eles tinham muito preconceito. Aqui era um lugar de preconceito. Porque me chamavam muito de negrinha, quando eu passava no caminho, diziam: “Olha, a negra da Lena vai ali.” Chamavam muito, mas eu mostrei pra essa gente que negro também tem vez. Negro também é gente, negro também pode ser alguém na vida que tenha um caráter bom, melhor do que eles. Muitos daqueles que a gente viu acabaram deixando as esposas e arranjando mulher que eram de zonas... Aqueles que chamavam a gente de negro. Ah, minha filha, aqui era lugar de preconceito. Ainda hoje é porque não acaba. Isso de dizer que vai acabar, não acaba, isso nunca acaba, quem tem, tem.

[Corte]

TATI - Sua mãe trabalhava?

HADELINA - Não, minha filha, fazia aquela rendinha estreita. Eu ainda fazia renda mais larga, com isso que eu ganhava um dinheirinho. Porque aqui não tinha serviço também naquele tempo, pra ninguém. Hoje tem sempre faxina, o pessoal aí por faxina estão suspirando, ganham R\$150,00 num instantinho. Faxina eu pago mais um pouco, mas eles pagam R\$150,00, eles suspiram porque tem gente que já está mais velha, não vai arrumar serviço, está ruim também no comércio, está ruim em tudo pra serviço. Elas estão fazendo faxina, mas naquele tempo não tinha, porque se tivesse eu também ia fazer. Não ia fazer renda que eu gastava linha, tudo e demorava um mês pra fazer aquela renda. Uma coisa que a gente faz num dia é uma faxina. Mas naquele tempo não tinha, quem ia pagar faxina? Quem era rico dava um jeito, porque não tinha também muito luxo e eram aquelas casas grandes, mas eles davam um jeito. Tinha vassoura no mato à vontade pra gente apanhar, eu ia sempre buscar vassoura no mato, aquela de carqueja, dura muito, hoje nem sei se tem mais. Diz que fazem chá de carqueja hoje, que é bom pra uma porção de doença. Digo: era vassoura de varrer a casa e hoje serve de remédio! A minha filha outro dia estava falando na carqueja. A carqueja era bom pra gente varrer o quintal! [Observa fotografia da rendeira] Essa foto é da Freguesia? Aqui tem uma mulher tão parecida que eu conheço. Ah, ela está fazendo renda da Tramoia, minha filha. Eu não aprendi da Tramoia, eu fazia dessa outra que tem uma porção de bilro. Ela está fazendo... De onde vocês trouxeram essa foto?

DANIEL – O professor Nereu do Vale Pereira que fez a foto.

HADELINA - Ele tem. Ela está fazendo a Tramoia, que bonita! Aqui está tudo em roda e ela está fazendo o meio. Que bonita! Ela é uma renda forte pra gente engomar. Essas outras - que a gente faz com linha fina-, fica mole, parece uma coisa velha e a Tramoia está sempre bonita. Parece que conheço essa senhora, mas agora não me lembro... Foi o Nereu que deu a foto... Ele está novo?

TATI - Acho que ele está com noventa anos.

HADELINA – Noventa já tem? Parece que disseram outro dia que ele tinha oitenta e poucos anos...

TATI - É que o tempo vai passando... *[Risos]*

HADELINA – Tá, o tempo passa. E também ali eu tinha noventa, agora já tenho noventa e dois!

TATI - A senhora aprendeu a renda como?

HADELINA - Com a minha tia, Dadá, essa com quem fui morar quando fugi. Ela que me ensinou a fazer renda porque minha mãe não ensinava, minha mãe fazia mais estreita e a tia fazia uma renda mais bonita, daquela de 26 bilros, a Dadá que me ensinou. E com ela também apanhava chácara de café quando ela contratava. Porque eu subia numa escada mais alta, ela já subia numa mais baixa e dizia: “- Censa, tu sobes lá em cima, pra buscar aqueles baguinhos de café que estão lá.” Aí antes de casar eu já tinha recebido dinheiro da apanhação de café. Então a gente trabalhava, só que o dinheiro era pouco. Não tinha muito como quem trabalha fora e tem uma aposentadoria.

[Corte]

DANIEL - Como era pra vender a renda?

HADELINA – Pra vender aqui tinha uma senhora, dona Adelina, quase perto de onde vocês foram, que falaram com a senhora do seu Alécio. Bem ali tinha uma senhora muito boa, ela dizia: “- Censa, quando tu precisar de dinheiro...” Ela tinha batizado meu velho. “- Quando tu precisar de dinheiro tu não precisa acabar a renda, tu vem aqui, pega o dinheiro que tu queres, depois quando acabar a renda tu traz a renda e eu te dou o resto do dinheiro.” Então tinha quem comprasse.

[Corte]

HADELINA - Eu vendia pra dona Adelina. Ela me dava até o dinheiro adiantado, se eu precisasse. Tudo era assim, tinha quem comprasse. E na cidade, na rua Crispim Mira, eu levava pra entregar na dona Cecília. Era só entregar e receber o dinheiro. Todo mês eu levava renda pra ela. Quando já vinha de volta pagava a luz e água, ainda sobrava dinheiro pra comprar peixe no outro dia. A gente queria trabalhar, mas o serviço era só esse, de ganhar muito pouco. Se fosse agora, trabalhando pra ganhar mais um dinheirinho, mas também a gente não tinha estudo, só se tivesse, mas com três meses de escola não tinha como arrumar serviço, tinha que fazer era renda.

[Corte]

[Comenta a foto de tio Adão]

HADELINA - Olha, era meu avô. Tio Adão, eu não disse pra vocês? Meu avô... Era ele, morreu com 106 anos, ele era espírita. Quando eu estava doente ia lá pra ele me benzer, porque a gente não tinha remédio. Minha mãe dizia: “- Vai lá.” Estou com coisa na garganta que não posso engolir, de certo era das amídalas, dor de garganta. Eu ia lá, ele me benzia com crucifixo e dizia: “- Ó menina, agora vai pra casa, faz um pirãozinho bem duro e pode

comer, já não tem mais nada aí." Ele morreu com 106 anos. De certo aqui ele era mais novo, por isso que não conheci. Ele era bem grandão. E quem será aquela? Porque a mulher dele era clara. Ele não era muito preto, era assim da minha cor. Que bom o homem ter dado essas fotos pra vocês. Tinha muita coisa lá pra se ver? Tinha pilão de socar café, tudo? Tem maquinazinha de mão de certo... [Comenta sobre o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha]

TATI - Pilão, almofada de renda, fogão a lenha...

HADELINA – Tem isso tudo, que bom pra gente ver, a gente não pode andar, que pena... Hoje sobra tempo porque a gente não sai. Mas se levassem a gente, botasse numa cadeira de roda, mas também não tem quem leve. A gente pede, ninguém pode. Eu tenho a canoinha do meu velho, no rancho que eu comprei mais minha filha. O homem que consertou disse: "- Dona Censa, a senhora pede ao seu genro pra botar um pouquinho na água, é bom." Já faz mais de um ano que ele consertou e a canoinha não vai pra água, fica lá dentro do rancho. É assim, a gente não tendo um homem em casa faz muita falta. Reza, quando estiver rezando pede saúde pro teu marido porque é difícil, podes crer...

TATI – Uma história que a senhora nos contou, queria pedir pra senhora contar de novo, daquela sua mudança na baleeira?

HADELINA – Foi. Nós fomos de madrugada, eu botei um banco na lancha, botei uma prateleira que eu tinha na cozinha, tirei os biquinhos de papel, dobrei tudo direitinho, botei num saquinho pra levar, pra colocar lá quando chegasse. E levei o que foi mais? Uma caminha pequena da menina que já não servia, mas levei pra lá - podia ganhar outra filha, como ganhei, a mais nova, que arruma minha casa. O que foi mais que levamos na lancha? Uma mesa que nós comíamos perto da cozinha, a cozinha era de chão, uma mesa grande que a gente comia ali, uma mesinha que o carpinteiro fez. Isso tudo dentro da lancha. O vento muito forte. A Lurdinha outro dia disse: "- Mãe, por que a senhora foi de madrugada?" No outro dia de manhã o homem queria a lancha, tinha que aproveitar aquela hora. "- Mãe, que perigo!" Pois é, mas nós fomos no perigo assim mesmo.

TATI - E foi de onde pra onde?

HADELINA - Fomos de lancha daqui até lá, José Mendes, onde tem aquela volta bem difícil de passar, é estreito, tem umas pedras pra cima, depois fica o caminho de cima que a gente também sobe. Mas quando chegamos lá... Ali do lado veio uma vizinha, disse: "- A senhora vai morar aqui?" Disse: "Vou, porque meu velho veio pra polícia, vim pra cá embora, não queria vir não, mas tive que vir." "- Eu ia dizer uma coisa pra senhora, aqui ontem se enterrou uma moça que morreu tuberculosa." E a tuberculose, naquele tempo, o povo tinha muito medo porque era a doença do momento, era aquilo. "- Eles nem limparam a casa, não varreram, a senhora está varrendo?" Eu disse: "- Estou." Amanheci o dia ali varrendo, não dormi nem nada, as crianças dormiram num cantinho e assim foi. Ela disse: "- Mas a senhora arrumou uma casinha pra morar? A senhora vai lá no caminho de cima..." Como a gente passa trabalho! "- Vai lá que tem um senhor chamado seu Bebê, mora lá em cima do açougue, no caminho de cima e ele aluga casa por fiança. A senhora vai lá que a senhora arruma, no caminho de cima tem uma para alugar, vai lá." Aí de manhã eu fui. O velho estava de folga pra arrumar a mudança, ganhou no quartel. Eu fui, cheguei lá no açougue, perguntei pro moço onde morava o seu Bebê, um senhor que aluga casa por fiança, ele disse: "- É aquela casa cor de rosa lá." Aí eu fui. Cheguei lá, bati palma, veio a esposa dele, eu disse: "- Seu marido está em casa? Não sei se é seu marido? "- Quem é, o Bebê?" Eu

disse: “- É. Eu queria falar com ele.” Ela chamou, ele veio, me deu um papel pra levar pro quartel, porque aí o dinheirinho que a gente pagava por mês era descontado lá e ele ia buscar. Então ele não perdia, com outra pessoa que alugasse, o dinheiro do aluguel, porque ele já ia buscar no quartel. Antes da gente receber ele já recebia. Olha, digo: meu Deus, o trabalho que passei de madrugada pra chegar até aqui, que amanheceu o dia, eu não dormi, fui atrás desse homem pra arrumar uma casa pra gente morar. Dali mudamos e fomos pro caminho de cima. Depois vim cá pro José Mendes outra vez, meu Deus do céu, porque a casa era mais barata, a casa estava cheia de percevejo, vocês nem conhecem percevejo. Aquilo era seis casinhas pegadas uma na outra. A da moça, do início, era limpinha, ela cuidava muito, tudo mais. Do meu lado de cá a velhinha não limpava, vivia sempre debruçada na janela, tadinha, ela não limpava. Ela era velhinha mas era uma senhora branca e era casada com um bem pretinho. Eu fazia renda de noite, antes eu botava água fervendo nos percevejos, depois eu fazia renda. E a minha sogra estava lá comigo também, dormindo numa esteirinha e as crianças numa esteira no chão. Eu digo: meu Deus, se esses bichos mordem eles. De vez em quando vinha cá alumiar pra ver. Não tinha bicho mordendo não. Mas no meu quartinho, onde dormia, estava cheio de percevejo. A gente jogava chaleira de água fervendo, aquilo caía no chão e fazia barulho. Digo: mas a gente passa trabalho neste mundo. Ficamos ali muito tempo. Depois fomos lá pro morro, pra Prainha, lá aquela casinha também era por fiança, mas depois de muito tempo ele vendeu pra gente. A gente comprou, mas a gente custou a pagar, tiramos dinheirinho a prestação. A filha tinha saído do serviço - uma que teve aqui antes de ontem -, ela também tinha saído indenizada do serviço na padaria que ela trabalhava - já não é a mais velha, é a outra-, aí ela deu esse dinheirinho. Ele tirou mais um pouquinho nessa caixa que tinha lá no quartel, a gente pagou e ficamos pagando o restinho todo mês. Depois lá melhorou, porque lá não tinha percevejo!

TATI – A senhora disse que ficava bastante na praia, mexia com areia, conchinhas, a senhora tomava banho de mar?

HADELINA - Tomava, de vestido. *[Risos]* Mas assim com o vestido a gente não via jeito porque a água entrava, o vestido ficava pra cima, mas também já se molhava um bocadinho, saía e vivia o dia todo na beirada da praia molhando os pés. A gente quase que não sentia muito calor, porque estava ali o dia todo e ali molhava a perna. Mas para sentar mesmo dentro d'água a gente custava porque não tinha maiozinho, não tinha shorts, nada naquele tempo. Hoje as pessoas reclamam, sei que hoje tem falta de serviço, está ruim de serviço, tem chefe de família que está desempregado, mas é outro tempo, filha. É muita tristeza, a polícia não dá conta, a gente vê que é, mas a gente vê que sempre se tem mais pra comer. Naquele tempo a farinha que era o caso, a gente nunca tinha. Lá na Claudete eles tinham engenho, o pai dela. E o meu velho, quando era menor, eles tocavam porque não tinham boi pra tocar aquela coisa do engenho, eles tocavam pra ganhar um pouquinho de farinha. Ele, que era o mais moço da casa, tocava o engenho, onde anda o boizinho ele andava pra ganhar um pouquinho de farinha. Tu vê que até eles que eram todos homens tinham dificuldade de ter farinha. Porque o principal nosso aqui era farinha. Não se tinha dinheiro pra farinha. Assim se comprava meia quarta de farinha, mas também não dava quase nada. Agora, minha tia, quando fui pra casa dela, disse: “- Censa, não precisa comprar farinha que o Biriba já comprou meio arquê.” O marido dela já tinha comprado meio arque. O marido dela era Clemente Inácio Lopes da Cruz, mas eles chamavam Biriba. “- Ele já comprou meio arquê, não compra farinha não. Compra sabão, compra o sabonete pra vocês, mas café, açúcar, não precisa comprar.” Aí já fiquei com dinheirinho. Ele [o

marido] disse que não trouxe nenhum! O homem foi casar mas não levou dinheiro! Ah meu Deus do céu!

DANIEL - E a farinha misturava com quê, comia com quê?

HADELINA – Com pirão. Esquentar água e fazer pirão, porque feijão era difícil a gente comprar. A gente pensava era na farinha, era o pozinho branco que a gente queria. A água é só esquentar e fazer o pirão porque tinha farinha. Feijão não precisava porque o feijão já tinha que comprar, aí era mais dinheiro. Então comprava farinha, comprava melado - que sempre tinha- e já tinha o açúcar. Agora tinha que comprar o café, às vezes a gente torrava um bocadinho em casa. Minha mãe apanhava mesmo maduro, tirava aquela casquinha do café, lavava bem lavadinho, secava um bocadinho ali mesmo e já torrava, tinha o pilão... Minha mãe socava aquilo, fazia um pouquinho de café, torrava ali depois e fazia um pouquinho de café, só comprava o melado pra temperar. *[Observa uma fotografia]* Ela está peneirando aqui, acho que é café. É o café, ela está tirando casquinha do café que eles torraram. Ela está peneirando, uma peneira grande, está aqui jogando assim. É uma mulher. Ela torrou café e agora está, as casquinhas saem, fica só os baguinhos, depois ela vai torrar os baguinhos. Aqui não está torrado ainda. Ele tem lá isso tudo, que bonito! A gente vê uma coisa que a gente há anos não via. E vocês nunca tinham visto isso, não é? Torrar café, depois estar abanando pra sair as casquinhas, depois ela ia botar no pilão pra fazer o pó. Que bom ter esse homem lá *[refere-se ao sr. Nereu do Vale Pereira]*, que Deus dê saúde a esse homem para ele estar sempre por lá até bem velhinho, pra mostrar isso tudo pra quem tem vontade de ver. Porque a gente é daqui e tem vontade de ver. Pena que a gente não vê o rosto da pessoa, quando ela fazia assim as casquinhas voavam. Ali tampou o rosto dela...

DANIEL - Como era a colheita do café?

HADELINA - As pessoas que tinham uma chácara grande, como a minha tia, onde apanhei, hoje é da minha cunhada aquilo ali, concunhada, porque o marido dela que era irmão do meu marido. Ali apanhavam, secavam e vendiam. O meu avô tinha uma casa muito boa e todo ano ele vivia do dinheiro do café, tadinho, não tinha serviço, já velho, aposentadoria não existia porque não trabalhava, como tinha aposentadoria? Não tinha, não pagava e também se pagasse e ganhasse aposentadoria era um pinguinho. Porque hoje é um pinguinho, naquele tempo era mais pinguinho ainda! Daí ele vendeu o café daquele ano pra pagar a venda onde ele comia, aqui perto... Mas o café deu pouco, não deu pra pagar a venda toda. Aí ele trocou uma casa boa que ele tinha com a chácara de café por uma casinha velha ali na praia onde morava, que decerto era feita pelos escravos porque as pedras ficaram pro lado de dentro e o lado de fora ficou liso. Vê a que ponto a gente chega? Ele ficou com uma casinha velha, trocou pela nova, deu a nova pro homem, o homem deu um dinheiro de volta e deu a casinha velha pra nós. Ficamos naquele sufoco, naquela casinha velha e ele ficou com a casa boa, era o escrivão do lugar. Foi ele que me casou, me lembro. Naquele tempo, quando casava, existia o juiz de paz, não sei pra quê era, hoje não tem mais isso. Há pouco tempo casou um neto meu, não tinha, eu vi lá só o pastor, fazendo o casamento dele. Porque o outro neto fez no cartório e o que fez no pastor fez em casa. Daí as mesmas palavras que eles dizem, ele também dizia lá. Mas lá não tinha juiz de paz. No tempo que casei tinha o escrivão e tinha o juiz de paz. Não sei pra quê? Pra amarrar bem o fulano ali, pra não sair! *[Risos]* Meu filho, é a vida!

DANIEL - Pra senhora o que é memória?

HADELINA - O que é memória? É a gente ter a mente boa. Penso que é assim. A memória da gente é ter lembrança das coisas, lembrar, como eu não posso andar, mas tenho cabeça boa, eu tomo conta do meu dinheirinho.

TATI - É importante se lembrar?

HADELINA - É muito bom a gente lembrar, muito bom. A gente tem a mente pra lembrar das coisas. Tu vê que eu disse que a gente foi pela praia e que eu avisei pra minha avó, minha mãe já sabia. Como é que uma coisa de tantos anos? Eu tinha dezesseis anos, na época, ele tinha dezenove e eu me lembrar de tudo. Até que ele disse que não trouxe, ele disse: "- Hadelina eu não trouxe dinheiro, porque eu tinha dois mil-réis no bolso, mas minha mãe estava sem nada em casa, eu deixei pra ela." Eu disse: "Bem que tu fizeste." Vê como eu lembro disso? Estou doente das pernas, mas estou boa da cabeça. Então é bom a gente ter a memória boa. Principalmente uma pessoa como tu, que estudaste tanto, tua memória é boa. Se a minha de quatro meses sabe isso tudo! Quanto mais a tua com esse trabalho todo, minha filha! Porque aqui eles fazem, dois anos do mestrado e dois anos do doutorado. Tu fizeste quatro anos doutorado. Pra ser uma médica não faltava muito não...

TATI - E sobre esquecer?

HADELINA - Esquecer das coisas?

TATI - Esquecimento.

HADELINA - É porque a mente já não lembra de muita coisa, deve ser por isso. Se a mente não lembra, como a gente vai lembrar? Podia dizer pra ti: eu casei, mas não saber como foi. E eu disse que a gente foi pela praia com aquela roupinha que estava. Ele não trouxe roupa mas no outro dia foi em casa buscar umas poucas que tinha. E a gente lembra daquilo tudo, então é porque a gente tem a mente boa. Agora, quando a gente não tem, é uma pessoa que esquece das coisas, não lembra muito. Porque acho que esse mal de Alzheimer que está dando agora a pessoa se esquece. Mas do passado tem pessoas que lembram, aqui tinha um senhor, o nome dele é seu Braulino e ele nunca teve serviço de carteira assinada, nada. Ele só pescava e também não tinha carteira, de pescador de primeiro tinha, meu velho tinha, mas depois ele entregou na capitania porque não era preciso. Ele se lembra muito do passado, ele conta muito: "- Vocês lembram daquele homem que mataram na praia do Rita, no Zé Pereira?" "- É, mas faz muitos anos seu Braulino." Às vezes ele sobe aqui ou desce, tem que ir lá buscar ele. Então a filha anda atrás dele e ele não fica em casa, ele tem 87 anos, está com mal de Alzheimer. Então ele está esquecido, de certo é uma coisa que ataca mais a cabeça. Já eu, que sou mais velha, lembro mais das coisas. Há alguma coisa que a gente esquece. Até uma pessoa como você jovem, seu marido, pode esquecer, mas eu sempre lembro. Vê que estava lembrando a história do pauzinho de fogo que ia buscar? A necessidade é isso, a gente saber que tinha que ir numa casa buscar o pauzinho pra fazer fogo. Isso é passar necessidade.

DANIEL - E como era o carnaval?

HADELINA - O carnaval aqui dizem que era o carro de boi que puxava aqueles carros bonitos, como tem na cidade, que de certo é puxado a motor. Eu não ia, não me lembro de ver carnaval, mas a dona Nilza - que andava no grupo de idoso comigo - disse que ela saiu

e em roda dela tinha como se fosse um ovo, ela saía dali de dentro. Aqui era o Girassol, na Freguesia e lá em cima, no Alto Ribeirão, era o Bandeirante. Um dia se deram briga por causa de um que era do Girassol outro do Bandeirante. Eles nunca se deram bem, o pessoal de lá com o pessoal da Freguesia. Hoje eles se dão, mas não é aquela coisa bem gostando um do outro. Lá tem as zeladoras, muitas de lá tem aqui, mas ainda tem uma richazinha daquilo. Um daqui deu uns tiros naquele senhor do Ribeirão e ele ficou, a bala entrou no lugar, de certo naquele tempo também os médicos não eram tão estudados como hoje, então ele ficou com aquela bala que se alojou num lugar que não deu de tirar. Estava assim com uma cor pálida, sempre doente, ele não teve mais saúde. E nele deu uma facada, ele ficou bom. Então era assim, havia carnaval e aqui era o Girassol e lá em cima era Bandeirantes. Eles brigavam e os carros de carnaval saíam, muito bonitos, mas eram puxados pelos bois, porque naquele tempo não tinha carro pra puxar. *[Olha a fotografia do carro de carnaval]* Pois é, porque é puxado, olha os cavalinhos, estás vendo? Os cavalos que puxavam. Olha, tinha três pessoas lá. Que bonito! Aqui tem uma aqui, tem outras aqui. Que bonito, olha a lua ali, que bonita. E aqui os animais, que bonito, parece que estão enfeitados!

[Corte]

DANIEL – Falaram pra gente do bloco do Zé Pereira...

HADELINA - Pois é, o Zé Pereira ainda existe, mas esse ano fizeram uma coisa que nem parecia que era Zé Pereira. Essa rua, essa servidão que eu moro, enchia de carro, era homem, era mulher, por aqui guardando carros. Os homens vinham apurados pra fazer xixi, as mulheres também vinham, iam pra trás dos carros. Aí em baixo tinha um barulho, um ano meu genro foi pedir que eles virassem o som pra lá, porque aquilo entrava dentro da gente, até incomodava, mas esse ano a polícia veio, fez uma coisa bem maneirada. Porque isso não pode acabar, é coisa de tradição então esse ano a polícia esteve aí e fez um bloco pequeno na rua, eles dançaram na rua. Vinha muita gente vender as coisas, até água vinham pra vender porque a festa era grande, mas esse ano foi a festa bem pequena.

DANIEL - Seu marido tocava?

HADELINA - Sim, um dia... A folia do povo era tanto, eles não vinham de caminhão, vinham de pé, o trombone chegou a cortar os lábios. Eles queriam muito acabar com isso e mataram um moço ali também. Um daqui de perto matou um de lá, então eles queriam acabar com isso, mas não pode acabar. Fizeram uma coisa mais simples, mais maneirado, não teve aquela baderna toda. Mas aquele Zé Pereira não estava nem parecido com o de antes.

DANIEL - Mais antigamente tinha um carnaval, contavam que fazia luminária de noite?

HADELINA - Tinha umas lanternas, filho, era muito bonito o tempo das lanternas porque era pela rua aquilo tudo iluminado. Não tinha luz, mas tinha aquelas lanternas que alumiaavam aquilo tudo e os carros iam pelo meio, as lanternas iam do lado, era muito bonito, eles contam que tinha. Não lembro porque eu não ia lá pra baixo, não tinha uma roupa muito boa pra sair, não ia. De certo era muito pequena nesse tempo, mesmo com 92 anos, mas de certo já era de muito tempo que tinha essas lanternas de um lado e de outro. Aquelas lanternas bonitas, acompanhavam aquilo. Tinha a Banda da Lapa e tinha a banda... Era uma banda de preto e uma banda de branco. Tu vê, até isso existia. Era uma banda

que era de preto, tudo era preto e uma banda que era dos brancos. Mas aí a dos pretos acabou-se, foram morrendo, depois ficaram misturados, branco com preto. Por isso o Zé está ali, meu velho está, aí acabou porque não tinha preto suficiente pra fazer uma banda, só se misturasse e foi o que fizeram. Essas lanternas existiam, meu filho, era muito bonito, as lanternas acesas, aqueles papéis que tinha em roda, era colorido, era muito bonito, de um lado e de outro, aquela fila de lanterna. Era muito bonito naquele tempo, a gente lembra.

DANIEL - E nas procissões a senhora costumava ir?

HADELINA - Sim, sempre meu filho, a gente vinha todas de preto com a fita vermelha, é nosso uniforme. Acompanhava, ia sempre na frente da banda. A banda ia atrás e as zeladoras iam na frente. Eu lembro tão bem, vestido preto, com a fita vermelha. Coração de Jesus. Hoje ainda pago, não saí, tem gente que não foi mais, não paga, mas também o que é dez reais por mês? Também ninguém vai ficar mais pobre com isso, sair e não pagar mais. A igreja precisa porque o padre precisa pra gasolina, o padre vai pro Pântano do Sul rezar missa, ele vai ali pro Rio Tavares... Então por que a gente não dá dez reais por mês, se Jesus deu mais pra gente, a gente não custa dar dez reais pra igreja. Por que tirar esses dez reais? Não vou fazer nada com dez reais. Então dou aquele dez reais, quando sai metade do décimo, aquele bocadinho que é um dinheirinho extra, que não é do mês, então aproveito e tiro dali. Pago o centésimo, que é R\$10,00 também, é R\$120,00, e pago o apostolado da oração que também é R\$120,00. Então mando o dinheirinho pra moça aqui da igreja, ela se encarrega leva lá pro padre, ou pro outro que passa pro padre. Faço isso toda vida e não vai me fazer falta os dez reais. Nem um pouquinho. O pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada. Pode crer que é assim.

DANIEL - A senhora chegou a conviver com seu avô?

HADELINA - Aquele ali [Tio Adão]. Cheguei. Olha, estava contando que eu ia lá, ele era espírita e tinha um filho, ele também não casou com a mãe desse moço, morava lá praquela morro... Ele também era espírita e eu ia na casa desse meu avô porque ele me tinha como neta, só o filho que não queria saber da gente, mas ele tinha a gente como neta. Então eu ia lá porque não podia comer, de certo era a garganta que estava inflamada, a gente tinha alguma coisa mas também não ia pro médico, não sabia. Eu ia lá pra ele me benzer, minha mãe dizia: "- Vai lá Censa, no teu avô, pede a ele pra te benzer." Ele pegava aquele crucifixo grande, me benzia, dizia: "- Minha filha, vai pra casa agora, faz o pirãozinho bem duro..." Eu pensava: logo hoje que não tenho farinha está mandando comer pirão! "- Faz um pirãozinho bem duro e pode comer que não tem mais nada na garganta." Era verdade, a gente não sentia mais dor na garganta. Uma vez veio um senhor lá dos Ganchos, hoje é Governador Celso Ramos, não é mais os Ganchos. Antigamente, tinha os Ganchos de baixo, tinha os Ganchos de cima. Hoje é Governador Celso Ramos, um nome mais chique! Veio de lá um moço amarrado, os pés as mãos, subiram o morro porque ele morava ali no morro bem alto. Subiram com ele amarrado na corda porque não podiam desatar, ele estava furioso. Mandou eles entrarem, entraram, aí disse: "- Manda ele sentar aí no banco." Tinha um banco grande a sala, uma sala simples com oratório ali, com os santos só assim. "- Mas a gente não pode desamarrar a corda, ele está furioso." Aí disse: "- Pode soltar." Desamarraram, sentaram no banco e não tinha mais doença. Ele ali benzeu, o homem foi embora andando, pegar a lancha pra ir pros Ganchos...

DANIEL - E ele contava histórias do tempo da escravidão?

HADELINA – Muito. Ele dizia que sabia muito, que ele foi escravo mas sabia uma porção de língua, agora não sei como foi escravo e aprendeu muita língua. Isso nunca pude entender. Ele disse: “- Fui escravo mas sei uma porção de língua, menina.” Me dava vontade de perguntar, mas pensava: não vou perguntar, já estou aqui pra ele me benzer para eu ficar boa que não tenho remédio, não vou perguntar nada não. Ele assim: “-Menina, sei uma porção de língua mas fui escravo.” Agora onde aprendeu essas línguas todas não sei.

TATI - Eram as línguas africanas?

HADELINA - Não sei como era, porque ele foi escravo, ele disse. Pela idade que ele tinha naquele tempo. Eu era pequena, ele tinha 106 anos, ele foi escravo sim, porque deu tempo pra isso. Agora não sei por que ele sabia uma porção de língua, onde ele aprendeu, não sei.

DANIEL - Será que ele trabalhou na pesca da baleia?

HADELINA - Não sei meu filho, quem sabe... Sabia uma porção de línguas, ele disse. Agora, como ele aprendeu não sei. Disse que os escravos apanhavam. Um dia eu disse pro meu velho, agora me lembrou: “Tu tens a perna tão fina e tu não és magro, mas tens a perna bem fina.” Disse assim: “- Se fosse no tempo de escravo eles iam te vender.” Ele assim: “- Hadelina, tu como tu és, os senhores iam te botar na senzala pra fazer criação pra vender.” Olha, nós rimos tanto nesse dia! Ele disse: “- Tu ias lá pra senzala, o senhor ia te botar lá pra fazer criação pra vender os crioulos.” *[Risos]* Nesse dia eu ri tanto gente! “- Eu ia ser vendido porque tinha perna fina. E tu, os senhores iam te botar na senzala pra fazer criação pra vender crioulinho.” É meu filho! É a vida da gente! *[Olha foto]* Aqui pode ser que estivessem peneirando aquela massa que depois eles botam no tipiti e aqui é prensado ali pra secar pra depois botar no forno pra fazer a farinha. Aqui é o engenho, pelo que vejo aqui...

[Corte]

HADELINA - Eu raspava mandioca ali, antes da Costeira, antes de chegar, um bocadinho, eu ia raspar. Porque no outro dia eu ganhava uns beijuzinho pra tomar café e ganhava uma cuia de farinha que elas me davam. Era uma cuia mesmo, serrada assim faz duas cuias, mas as meninas ficavam atravessando a rua, a mais velha e a outra - uma que tem 71 anos e a outra que vai fazer 70 ano que vem. Elas queriam atravessar pra lá, ver onde eu estava, a dona do engenho dizia: “- Censa, vai-te embora porque elas querem vir atrás de ti, pode elas caírem aí na cachoeira. E o engenho ficava assim: tinha a cachoeira aqui, o engenho ficava do outro lado da cachoeira.” “- Vai-te embora que amanhã te mando os beijuzinho e te mando uma cuia de farinha pra ti.” E eu ia embora, mas já sabia que ia ganhar!

DANIEL - Com que mais a senhora já trabalhou na vida?

HADELINA – Só na renda, meu filho. Na renda e no berbigão, porque eu acho que meu velho carregava muito peso do berbigão. Também ele remava muito, ele pescava. Porque ele estava na polícia, mas aqui depois ele pescava muito pra ganhar o peixe que a gente não comprava. Por isso que fiz uma casinha pra filha, tinha o chão, comprei barato, como disse pra vocês e fiz a casinha pra ela, porque ele pescava muito. E do tempo que a gente tirava berbigão a gente pegava muito peso. Ele apareceu uma hérnia, agora quando

apareceu, que ele operou, foi a morte dele. De certo a anestesia foi demais ou ele tinha algum problema que não pudesse tomar anestesia, ele não ia no médico. Eu com o útero tive que operar, peguei infecção hospitalar, quase morri, fiquei sequinha como um pau. Então era coisa que a gente fazia pra sobreviver, pra gente ter sempre o pão de cada dia porque o dinheiro era pouco. Tinha o peixe, tinha berbigão que a gente carregava lá no morro. Ia lá por cima e descia, daqui como vocês vão pra lá, pega o início do túnel pra depois chegar no centro. Fazia isso, vinha pelo morro, descia aqui no início do túnel que vai daqui pro centro, depois subia por ali outra vez pra ir lá pro morro, lá na Prainha. Então isso tudo foi fazendo mal. Era o trabalho que a gente fazia, mas isso no fim fez mal. Acabei operando, ele também acabou. Eu ainda tive sorte, o médico tinha dito: “- Pois é, dona Hadelina, está difícil de curar essa infecção hospitalar que a senhora pegou.” Porque eu fui pra Maternidade Carlos Corrêa. Eu não gosto daquela, eu gosto da Carmela Dutra. Aí fui pra lá e foi lá que operei e peguei essa infecção hospitalar. E meu velho operou o umbigo de uma hérnia que ele nasceu, de certo de tanto fazer força na rede, no remo. Porque a lancha tem o motor, mas ele também tem que segurar o remo pra fazer a volta quando bota a rede na água e quem sabe também foi a morte dele, a gente não sabe. O dia dele tinha chego. Como a filha chegava aqui, ela não olhava ele. Eu disse assim: “- Por que será que a Neusa chega aqui e não olha o pai, ela fica só de longe?” Ela disse que viu que ele não ia sobreviver mais. Não sei por quê. Acho que ela é um pouco espírita. Ela é um pouco, por isso que devia ser, mas não tinha coragem de chegar ali e ver mais ele, porque sabia que ele ia embora.

DANIEL - Aqui antigamente existia festa de Nossa Senhora do Rosário?

HADELINA - Existia, filho, era Nossa Senhora que diziam que era dos pretos e os pretos como foram se acabando, mas a Nossa Senhora do Rosário é uma nossa senhora tão linda, está lá. Outro dia eu disse pra Claudete: “- Tu és tanto da igreja, por que não diz pro padre fazer uma procissão da Nossa Senhora do Rosário?” Eles fazem da Nossa Senhora da Lapa, o Espírito Santo anda numa porção de casa, a gente vê que é muita coisa que se faz, por que não faz uma procissão da Nossa Senhora do Rosário? Antigamente eram os pretos que faziam, mas agora não tem preto pra fazer e o padre não pode fazer? Olha, se eu estivesse na igreja já tinha perguntado pro padre, porque estive duas vezes pra perguntar: “- Padre, por que o senhor não bota a Nossa Senhora do Rosário na rua? Faz uma procissão bonita, a gente está precisando, tem tanta doença aqui no Ribeirão, por que o senhor não bota?” Mas pensei: agora vou me meter a falar com o padre, tem tanta gente que não fala, vão chamar que sou metida. Aí eu disse pra Dete... “- Pois é, tia, mas não querem.” Ela era Nossa Senhora dos Pretos, os pretos que faziam festa naquele tempo, mas não tem nada com os pretos agora, o padre pode fazer, por que ele não pode? Vejo que tem coisa... Dá vontade de dizer umas verdades, que dá, dá! A Nossa Senhora bonita que é, grande assim, diz que ela é muito pesada, Nossa Senhora do Rosário. Lá no centro tem a igreja Nossa Senhora do Rosário, sabem onde é? Lá acho que eles fazem. Aqui não fazem porque ela é Nossa Senhora dos pretos. Não tem nada, é Nossa Senhora de tudo, é do padre branco, é do padre preto, é minha, é de vocês que são brancos, é tudo. Por que não faz? Diz pro padre!

[Corte]

HADELINA - Pois é, naquele tempo era Terno de Reis e era boi de mamão, tinha muito pau de fita, tudo. Tinha muito naquele tempo e a gente se distraía. Ia ver Terno de Reis lá no

Alto do Ribeirão, mas não tinha luz. Eu ia mais a minha mãe, era onde ela, tadinha, podia ir, porque a gente não tinha uma roupinha. Eu ainda sempre tinha uma roupinha melhor, ela não tinha... Então ia ver o Terno de Reis lá no Ribeirão, mas pegava o Terno que viesse de cima pra baixo. Aquele que ia de baixo pra cima não, porque ficava ruim pra gente. A gente vinha de madrugada sozinha, por aí afora, não tinha medo de nada. Só via a luz de vagalume clareando a estrada e a gente não via mais nada. Também não tinha medo de nada, engraçado, não é? Hoje a gente tem medo de tudo. Terno de reis, Boi de Mamão tinha muito, pau de fita a gente via, era coisa do momento, via muito. Hoje a gente já não vê mais. O boi de mamão está guardado lá pro Centro Social, há pouco tempo eles ainda saíram. Ali o sargento aposentado que tocava isso pra frente. Agora eles estão morando pra Costeira, saíram dali, alugaram a casa, estão lá pra Costeira.

DANIEL - Quería saber da senhora o que é a vida?

HADELINA - A vida? A vida é um mar de rosas, meu filho! Hoje a gente já está velha, mas lembra daquele tempo que a gente passou por tanta coisa e hoje, às vezes, lembra um pouco daquilo. Mas tem horas que a gente fica mais feliz porque hoje a gente vê, pelo menos o que a gente botar na mesa pra comer. E no meu tempo a vida era tão difícil. Eu via que minha avó não parava em casa, ia lá pra cidade, com um chinelinho que tinha só a frente, atrás o calcanhar, ela dizia: "- Olha Hadelina, como está meu chinelinho..." Atrás já não tinha um pedaço. Então era uma vida, a vida era essa de luta, de sacrifício e sem ter nada. Podia botar a mesa, mas faltava o principal, era farinha. Minha mãe dizia: "- Censa, hoje não tem o pó branco". Pó branco era a farinha. "- Tem as coisas mas não tem o pó branco." Então a vida é um mistério, a gente tem tempos mais ou menos. E depois que a gente envelhece então, a vida não é bom, porque a gente fica meio sem esperança. Enquanto a gente está nova, a gente está ali pra tudo que der e vier, fazer, vamos ver se fazemos isso...

[Corte]

DANIEL - E a senhora se lembra quando chegou o rádio?

HADELINA - Ah, muito, de vitrola, daquele outro, como é? Da vitrola e daquele outro que tem uma campã grande pra cima... Como é o nome?

TATI - Gramofone...

HADELINA - Gramofone, é, lembro muito. Tinha um senhor que tocava e a gente ia lá ver, era tão bonito, porque a gente não via, ninguém tinha e ele tinha. Um senhor que fazia viagem pra cidade, com quem minha avó mandava as coisinhas de lá pra nós, às vezes pão, um pouquinho de açúcar branco, um pouquinho de arroz branco, ela também mandava. Quando ela tinha mandava por esse que fazia viagem daqui pro centro, levar galinha, ovos, banana, tudo ele levava pra vender. Acho que lá no mercado não tinha de tudo, de certo era assim, porque eles iam levar pra lá, de certo não tinha isso tudo. Ovos, banana, isso tudo levavam daqui pra lá. Banana verde levavam pra lá pro mercado. Era desse tempo, porque esse homem tinha esse gramofone.

DANIEL - E aqui na rua passava muito carro?

HADELINA - Não, aqui não. Agora hoje, meu filho, se quiser atravessar, sexta-feira à noite, que eles passam pras casas de praia aqui no sul da ilha. Porque lá pro norte da ilha é

demais, as casas mais caras. Então aqui pro sul da ilha, às sextas-feiras a noite, meu filho, se quiser atravessar tem que ficar muito atento, esperando que dê uma hora pra atravessar pro lado da praia. Porque é carro, quase não dá. E agora no verão, cada vez mais e as estradas pra onde tu vais, ainda bem que tu és aqui perto, mas se for pra cidade leva um tempão. Meu neto que dorme aqui às terças-feiras, ele tem uma loja de carro, diz que é difícil a gente vir, dá vontade de voltar. Porque tem hora que o carro não anda, fica ali, é demais agora. De primeiro não passava quase carro.

DANIEL - Só carro de boi?

HADELINA - Aí passava, nós tínhamos uma Nossa Senhora lá na praia, Sant'Ana - que é padroeira lá da igreja da Armação-, e eles vinham lá do Carianos buscar a Nossa Senhora ali pra fazer novena na casa deles, de carro de boi. Traziam uma toalhinha, embrulhavam ela, levavam, depois quando acabava a novena, no outro dia ele vinha trazer. Era ele e o pai que moravam sozinhos, não sei quem é que ia pra novena, eu não via casa ali por perto pra ir pra novena. Não sei, eles vinham buscar a Nossa Senhora. Depois minha mãe, indo pra Curitiba, ela deu o oratório bonito que minha avó tinha e os santos todos ela deu fim, também não sei onde ela botou. Ela devia ter dado pra mim, na minha casa tem lugar pros santinhos, tu vai ver ali está cheio: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Lapa, tudo tem ali, Coração de Jesus, está tudo ali. Mas de certo ela deu pra alguém, não sei o que ela fez dos santos que minha avó tinha.

[Fim da entrevista]